

Susana Raquel Guimarães, José Rio Fernandes

O comércio de origem chinesa e o espaço comercial da Varziela (Vila do Conde)

Resumo:

A entrada da China, no final de 2001, na Organização Mundial do Comércio e a posterior abolição de quotas de importação dos seus produtos, em Janeiro de 2005, teve significativas consequências no mercado mundial, com reflexos também em Portugal, onde, face ao aumento da importação de produtos de origem chinesa, desenhou-se uma “etnização comercial”, que se traduziu no aparecimento e multiplicação de armazéns e lojas dedicados especialmente à venda de produtos oriundos da China.

É no contexto deste processo que no Norte de Portugal, na Zona Industrial da Varziela, localizada no Concelho de Vila do Conde, a 20Km da cidade do Porto e apenas 16km do Porto de Leixões, se reconfigura e vem a albergar um número crescente de pontos de armazenagem e venda de produtos com origem na China que actualmente totalizam as 197 unidades. É sobre esta área que o presente texto trata, numa leitura que parte duma abordagem multiescalar (mundial, europeia, nacional e regional) para se deter com especial atenção na Varziela, procurando contribuir para a compreensão da emergência e estrutura interna deste espaço muito particular do Noroeste de Portugal.

Abstract:

When The People's Republic of China was admitted as a new member of the World Trade Organization, at the end of 2001 and the quota system that regulated his products was abolished, that had significant effects worldwide and also in Portugal, where the increase on imports created an ethnic retail subsystem composed of an increasing number of shops and warehouses specially dedicated to sell products originated in China.

In this context, in the North of Portugal, the Industrial Zone of Varziela, in the Municipality of Vila do Conde, 20km distant from Porto and only 16km from the port of Leixões, is restructured and receives an increasing number of warehousing and selling units that nowadays totalize 197. This is at the centre of the present text, where a multiescalar approach is conducted before concentrating the attention on Varziela, trying to contribute to understand the emergence and internal structure of this very special area of the North West of Portugal.

1. A integração da China na Organização Mundial do Comércio

Foi aprovada a 11 de Dezembro de 2001 a admissão da República Popular da China na Organização Mundial do Comércio (OMC).

As vantagens para a China, a partir deste marco, traduziram-se na redução de produtos sujeitos a quotas de exportação, o que levou a uma significativa expansão do comércio externo em geral e em particular a um muito importante aumento das exportações, favorecendo a reestruturação interna da economia e a atracção de investimentos externos. Além do mais, como membro, a República Popular da China pôde passar a participar na definição das regras aplicáveis ao panorama internacional e a exercer influência no sentido da protecção dos seus interesses.

Vista desde a União Europeia, a adesão da República Popular da China à OMC, ao traduzir-se num aumento das importações¹, teve efei-

1. "A abolição das quotas reflectiu-se por si só numa redução dos preços dos produtos originá-

tos desfavoráveis aos produtores europeus, o que levou a um descontentamento, sobretudo evidente em relação aos têxteis e vestuário, o que levou a negociações que deram lugar ao Acordo de Xangai, em Junho de 2005, que cobre 10 das 35 categorias de têxteis e prevê a limitação do crescimento das exportações chinesas a valores entre 8% e 12,5%/ano, de 2005 a 2007, prevendo que durante o ano de 2008 a União poderá restringir estas exportações” (ICEP, 2003).

A União Europeia² beneficia, ainda, de outros instrumentos que salvaguardam os seus interesses comerciais, já que *“para além dos instrumentos de defesa comercial previstos (anti-dumping, anti-subsídios e salvaguardas), a União Europeia pode (...) accionar salvaguardas específicas quer para o sector têxtil, até 2008, quer para os restantes produtos, até 2012, sempre que o aumento das importações cause ou possa vir a causar, prejuízo grave para os produtores comunitários”* (ICEP, 2003; 20).

Apesar destes mecanismos de protecção dos interesses europeus³, as importações da China ultrapassaram os totais estipulados. Como medida de contestação, foram retidos nas alfândegas da UE 400 mil milhões de euros em mercadorias, o que levou a novo período de negociações que se concluíram em Setembro, traduzidas no Acordo de Pequim, que estipulou que *“metade das mercadorias retiradas entrasse nos mercados europeus como excedente das quotas fixadas pelo Acordo*

rios dos países sujeitos a quotas. Neste contexto, os dados relativos ao período de Janeiro a Setembro [de 2005] denotam uma quebra homóloga de 5,1% nos preços médios de importação da UE-25 dos produtos liberalizados na última fase. Refira-se que tendo por base apenas os fluxos da China, a taxa de queda fixou-se nos 20,2%, com destaque para as reduções dos preços em artigos como as t-shirts (36,2%) e as camisolas e pullovers (31,7%).” (Rocha et al., 2006: 45).

2. *“A UE recorreu também a algumas medidas anti-dumping no processo de transição, bem como a modificações das normas relativas ao país de origem das importações (OMC, 1999). Após 1 de Janeiro de 2005, com o fim do Acordo Multifibras, o Sector Têxtil e de Vestuário da UE ficou sujeito às regras gerais do GATT/OMC (sem qualquer regime de quotas especial fora das normas do GATT como o que existia anteriormente). Contudo, os Estados-membros da UE podem continuar a recorrer a instrumentos de defesa comercial autorizados pela OMC para se protegerem da concorrência desleal.”* (Rocha et al., 2006: 46)

3. As tarifas incidentes na importação dos produtos na China podem ser consultadas, por produto e de forma actualizada, quanto ao momento da exportação, na página web “Market Access Database/Applied Tariffs Database”, da responsabilidade da União Europeia – <http://mkacddb.eu.int>.

de Xangai, sendo a outra metade descontada nas cotas relativas a 2006, podendo haver transferência de excedentes de uma categoria para outra cujo limite máximo para 2006 ainda não tivesse sido ultrapassado” (ICEP, 2003; 20). No essencial, o objectivo é o de encontrar parcerias estratégicas viáveis e de interesse económico mútuo para as duas economias. O volume anual de exportações da União Europeia para a China, em 2008, foi de 72 mil milhões de euros enquanto que o volume anual de exportações da China para a União Europeia foi de 231 mil milhões de euros.

2. As relações económicas entre Portugal e China

Existem acordos celebrados entre Portugal e China no sentido de potenciar as relações comerciais entre os dois países, verificando-se que a China adquiriu importância não apenas como fornecedor, mas também como cliente de Portugal, tendo passado da 34^a posição (com uma quota de 0,2%), em 2001, para 14^a (com uma quota de 0,5%), em 2007⁴. Todavia, as importações da China são mais significativas e a China tem ganho importância, ascendendo da 16^a posição em 2001 (com uma quota de 0,8%), para a 9^a posição (com uma quota de 1,9%), em 2007.

		2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Como cliente	Posição	34 ^a	28 ^a	17 ^a	27 ^a	20 ^a	18 ^a	14 ^a
	%	0,2	0,3	0,5	0,3	0,6	0,6	0,5
Como fornecedor	Posição	16 ^a	18 ^a	15 ^a	16 ^a	13 ^a	11 ^a	9 ^a
	%	0,8	0,8	0,9	1,0	1,2	1,5	1,9

QUADRO 1: A IMPORTÂNCIA DA CHINA NOS FLUXOS COMERCIAIS COM PORTUGAL (2001-2007)

FONTE: INE IN ICEP DOSSIER DE MERCADO – CHINA (JANEIRO DE 2007 E OUTUBRO DE 2008)

NOTA: RESULTADOS APURADOS PELO ICEP COM BASE NOS DADOS DECLARADOS PELOS OPERADORES ECONÓMICOS, CORRIGIDOS DOS VALORES CORRESPONDENTES ÀS OPERAÇÕES ABRANGIDAS PELA LEI DO SEGREDO ESTATÍSTICO

4. Um dos acordos entre Portugal e China é o Acordo de Promoção e Protecção Recíproca de Investimentos e Convenção para Evitar a Dupla Tributação e Prevenir a Evasão Fiscal em Matéria de Impostos sobre o Rendimento. Destaca-se também o novo Acordo de Cooperação Económica, assinado em Janeiro de 2005 e, ainda, em Dezembro do mesmo ano, a atribuição, por parte do governo chinês, a Portugal, do estatuto de parceiro estratégico.

Tendo em conta a evolução da balança comercial bilateral, verifica-se que entre 2001 e 2007, as exportações portuguesas para a China triplicaram, de 60126 para 181136 milhões de euros, tal como quase sucedeu nas importações, que passaram de 350959 para 1063431 milhões de euros.

Verifica-se que o saldo da balança comercial é sempre negativo para Portugal, tendo diminuído de 2001 até 2003, de -290 859 milhões de euros para -221 846 milhões de euros e aumentado depois para -888296 milhões de euros, sendo especialmente forte depois de 2005, ano da liberalização das quotas.

(10_EUR)

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Exportações	60,126	80,603	149,661	101,082	170,589	213,839	181,136
Importações	350,985	344,639	371,507	458,611	568,942	773,203	1,063,431
Saldo	-290,859	-264,036	-221,846	-357,529	-398,354	-559,364	-882,296
Coef. Cobertura (%)	17,1	23,4	40,3	22,0	30,0	27,7	17,0

QUADRO 2: A EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BILATERAL (2001-2007)

FONTE: INE IN ICEP DOSSIER DE MERCADO – CHINA (JANEIRO DE 2007 E OUTUBRO DE 2008)

NOTA: RESULTADOS APURADOS PELO ICEP COM BASE NOS DADOS DECLARADOS PELOS OPERADORES ECONÓMICOS, CORRIGIDOS DOS VALORES CORRESPONDENTES ÀS OPERAÇÕES ABRANGIDAS PELA LEI DO SEGREDO ESTATÍSTICO. DEVE LEMBRAR-SE AINDA QUE ESTES VALORES PODEM ESTAR DESFASADOS DA REALIDADE UMA VEZ QUE, ANTES DE 1 DE JANEIRO DE 2005, É POSSÍVEL QUE MUITOS DOS PRODUTOS QUE ERAM IMPORTADOS NÃO FOSSEM DECLARADOS.

3. O comércio étnico de origem chinesa

3.1. Europa

A diáspora chinesa não se fez de igual forma por todos os países da Europa. A primeira vaga deu-se, depois da segunda guerra mundial, para países que já tinham comunidades chinesas com alguma expressão, como França, Grã-bretanha, Países Baixos e Alemanha⁵.

É a partir destes países que os chineses iniciam novas migrações rumo à "Europe du Sud (Italie, Espagne, Portugal...), ainsi que l'Autriche et, depuis 1989, l'Europe de l'Est: la Bulgarie, la Tchèque, la Slovaquie,

5. Poisson, (1997); Wang Chunguang et Beja, (1999); Guerassimov, (2000, 2003).

la Serbie, la Russie et la Hongrie peuvent être définies comme des zones intermédiaires mais d'installation pour des populations chinoises" (Berger, 2007: 10).

A proveniência difere em cada um dos países europeus. Em França, a maioria dos chineses veio da Indochina, uma minoria de Zhejiang e Fujian. Nos Países Baixos, como resultado de cinco vagas migratórias, a comunidade compreende chineses de Cantão, de Zhejiang, do sudeste asiático (Indonésia e Vietnam), do Surinam e Fujian. A comunidade da Hungria é composta essencialmente por chineses do Norte (tansiberianos de Pequim) e de Fujian e Zhejiang vindos directamente da China. Em Itália, a maioria da comunidade é formada por chineses oriundos de Zhejiang e uma pequena parte de Fujian (Pieke, 2007; 19).

Apesar da sua origem distinta, as comunidades chinesas na Europa (como no resto do mundo) apresentam semelhanças, notando-se que elas "*...s'organisent autour d'un pôle entrepreneurial. La puissance financière de cette population lui permet, grâce à un fort réseau de solidarité, de former une communauté marchande importante*" (Auguin, 2004).

Segundo alguns estudos⁶, os chineses desenvolvem economias paralelas nos locais onde se fixam, ou seja "*(...)il's n'ont pas occupé des interstices économiques subalternes: à la différence des autres groupes des migrants, ils ont constitué une enclave au cœur du processus productif*" (Miranda, 2007: 165).

3.2. Portugal

A investigação, em Portugal, acerca dos imigrantes chineses⁷ é naturalmente recente e debate-se com a dificuldade da obtenção de dados estatísticos fiáveis, o que não é facilitado pelo facto de, ao contrário do que acontece noutros contextos, as comunidades não se orga-

6. Krasteva (2007), Nyíri (2007); Miranda (2007); Pieke (2007); Rottenberger-Kwok (2007); Saveliev (2007);

7. O reduzido número de investigações limita a investigação das comunidades chinesas em Portugal. Os trabalhos publicados por Tomé (1994), Amaro (1998), Teixeira (1994, 1997, 1998, 1999), Mapril (2001, 2003), Oliveira (2000, 2002, 2003, 2004) e Baptista (2006) constituem excepções.

nizarem em chinatowns⁸ verificando-se uma grande dispersão territorial (Góis *et al.*, 2007: 122)⁹.

Sabe-se que se reporta a 1920 o registo da chegada dos primeiros imigrantes chineses a Portugal, para o Porto, Lisboa e Setúbal, onde vão desempenhar funções no comércio ambulante. A presença torna-se mais visível a partir de 1980 (Tomé, 1994; Teixeira, 1997:2; Pereira, 2004: 22). Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)¹⁰, nesse ano, existiam em Portugal apenas 244 cidadãos de nacionalidade chinesa. E, se bem que para Poston e You (1990) este número ascendesse em 1982 a 2500 pessoas, ainda assim trata-se de quantitativos pouco expressivos, se comparados com os 10448 que estes autores estimam para 2007¹¹.

Costa distingue um primeiro grupo de chineses que veio para Portugal entre 1975 e início dos anos 80 oriundos de Cantão, Timor¹², Angola e Moçambique (Costa, 1998), os quais se naturalizaram portugueses e, conseqüentemente, desapareceram das estatísticas (Oliveira *et al.*; 1999).

Um segundo movimento migratório ocorre ao longo da década de 90 e é composto por chineses provenientes directamente da China,

8. Dada a heterogeneidade de características das comunidades Góis *et al.*, afirmam não haver uma mas sim várias comunidades de chineses em Portugal. "*Parler de communauté chinoise ne peut être qu'un artifice – et un abus – de langage*" (Góis *et al.*, 2007: 121).

9. Na Área Metropolitana de Lisboa e Porto registam-se organizações similares a uma Chinatown sendo o Martim Moniz e Porto Alto, na primeira, e a Zona Industrial da Varziela, na segunda (Góis, Marques e Oliveira, 2007: 122).

10. Importa salientar que estes dados não correspondem à realidade. Presume-se que este número ascenda para os 15 000 ou 16 000 chineses em Portugal. A diferença de valores justifica-se com o facto de que, para a estrutura empresarial/comercial seja sustentável, este tem de ser o valor de chineses em Portugal.

No sentido de explicar a diferença de valores Oliveira avança quatro factores explicativos sendo este a presença clandestina; as sucessivas nacionalizações, que permitem pertencer à comunidade mas ter nacionalidade portuguesa; o facto dos dados do SEF considerarem apenas residência legal e permissão de residência, não contabilizando visas de turismo e de estudo segundo os quais muitos imigrantes entram no nosso país e por cá se fixam em situação de clandestinidade e por fim deve-se considerar que a avaliação da presença de chineses em Portugal feita a partir dos membros da comunidade pode induzir a considerar chinês um membro que pode ter outra nacionalidade (Oliveira, 2000: 12).

11. No distrito do Porto existia, em 2007, um total de 1567 cidadãos chineses dos quais 1474 são detentores do Título de Residência e 93 de Prorrogação do Visto de Longa Duração).

12. 2000 dos 10 000 chineses residentes em Timor refugiaram-se em Portugal aquando da Invasão da Indonésia em 1975.

em particular da província de Zhejiang, de Cantão na província de Guangdong e de Guizhou no centro da China. Um último fluxo, proveio de Macau que dada a origem chinesa mas a nacionalidade portuguesa, não têm representatividade estatística (Góis et al., 2007: 123-124).

A chegada dos imigrantes chineses¹³ a Portugal deveu-se ao “(*... regroupement familial, les possibilités économiques offertes face à la saturation d'autres marchés européens et l'attraction exercée par les périodes de régularisation extraordinaire qui ont eu lieu pendant la dernière décennie*)” (Góis et al., 1997: 126-127).

No entanto, nem sempre Portugal é o país de destino final dos chineses. Por vezes, funcionou (e funcionará ainda) como um destino intermédio para outros destinos europeus pois “*Portugal étant une des destinations les moins coûteuses des pays de l'Union Européenne. Cela produit une sorte d'échelle des destinations migratoires potentielles, où le Portugal occuperait une position intermédiaire au sein du système migratoire global chinois*” (Góis et al., 1997: 130).

De acordo com um questionário realizado a 200 empresários chineses da Grande Lisboa, Grande Porto e Algarve para delinear o perfil do empresário chinês, em Portugal, verificou-se que 73% dos empresários provinham de Zhejiang (líder nacional na indústria de produção de máquinas industriais têxteis, electromecânica, têxteis, química, alimentar e materiais de construção), 6% são da província Shandong e 8% são da província Fujian (uma das principais áreas de exportação de calçado do mundo). Os outros 6% distribuem-se pela cidade de Xangai, província de Guangdong (onde se concentra a indústria de mobiliário, marroquinaria e jogos), Shanxi e Jiangsu (Rocha-Trindade et al., 2005: 100).

Segundo estes autores., o crescimento do comércio étnico chinês teve como objectivo “*aproveitar as oportunidades geradas pelo ciclo económico, na medida em que a recessão e o decréscimo no rendimento disponível levaram à procura de produtos com aquelas características.*” (Rocha-Trindade et al., 2005: 119) Os dados do inquérito revelam ainda uma expansão do comércio a retalho e também do crescimento comércio grossista, verificando-se que “*o comércio no seu conjunto tem um*

13. Oliveira menciona estudos empíricos que demonstram que, em Portugal, muitos imigrantes antes de chegarem ao país percorreram outros países da Europa, como Espanha (Oliveira, 2000)

peso de 66%, tendo o comércio a retalho 26%, o comércio grossista 24,5% e actividades de import-export 16%” (Rocha-Trindade et al., 2005: 120).

3.3. A escala regional

O território-cidade é um espaço de oportunidades, nas suas mais diversificadas esferas, para a fixação de indivíduos das mais diversas proveniências. Os imigrantes encontram nestes espaços cosmopolitas uma base para a estruturação e desenvolvimento dos seus projectos individuais e/ou colectivos, já que a plasticidade e complexidade da cidade são mais facilmente accionadas no sentido da sua reestruturação se adaptar aos que a integram de novo.

A presença de imigrantes e seus descendentes implica, em alguns casos, a dinamização de áreas estagnadas, onde se verifica uma quase apatia social, cultural, empresarial, verificando-se que estes têm por vezes um papel preponderante na reconfiguração da identidade de alguns espaços urbanos, por vezes associados ao abandono, à exclusão social, à degradação física e económica (Santokhi, 2002). No entanto, a presença de um grande número de imigrantes, tende a suscitar curiosidade e mesmo a gerar sentimentos xenófobos e de discriminação sistemática¹⁴. Por isso, a actividade comercial dos imigrantes chineses em Portugal, desperta, tal como noutras partes do mundo, sentimentos contraditórios¹⁵.

14. De Rudder, V., Poiret, C., Vourc’h, F. (2000): *L’inégalité raciste. L’universalité républicaine à l’épreuve*, PUF, Paris.

15. No nosso país este tipo de reacções está a ter impactes semelhantes ao de outros países como por exemplo a Rússia nos finais dos anos 90. Segundo Saveliev nas grandes cidades da Rússia ocidental e Europa de Leste existiram fortes tensões entre a população local e os comerciantes e residentes chineses (Saveliev, 1997: 61). Neste contexto, Larin (1998) refere um inquérito, realizado entre 1998 e 1999, que revelou que em cidades como Khabarovsk, Vladivostok a percentagem de sentimentos xenófobos era de 34,5% e 42,8% respectivamente (Larin, 2003: 162). Diatlov relatou incidentes a este respeito que “ont impliqué des citoyens de la RPC à Irkutsk vers le debut des années 1990 ont eu pour conséquence d’établir des barrières autour d’un marché chinois nommé Shangai et d’y établir poste de police (Diatlov, 1999a: 123).

No nosso país, em Dezembro de 2006, o Diário de Notícias referia que a Câmara Municipal de Vila do Conde havia chumbado, no dia anterior, uma proposta de criação de uma zona

A actividade económica desta comunidade gera concorrência económica, o que é muitas vezes visto como uma ameaça aos empresários/comerciantes locais, tanto mais que a importação de produtos a baixo preço sobretudo têxteis e calçado¹⁶ tem interferido quer no tecido empresarial português¹⁷ quer nas pequenas superfícies comerciais e com significado particularmente relevante no comércio independente de rua.

Quando os portugueses e chineses se encontram é, quase sempre, *"dans une situation où le migrant est vendeur et l'autochtone client, ce qui tend à renforcer la méfiance plutôt qu'à aider à la surmonter. Les autochtones perçoivent les migrants non comme des membres à part entière de la société mais comme des éléments étrangers à la fois utiles et familiers, parfois sympathiquement exotiques, mais potentiellement dangereux"* (Nyíri, 2007: 111)

No entanto, a presença de imigrantes chineses em Portugal mobiliza dinâmicas de cosmopolitismo, vistas como favoráveis no desenvolvimento e em especial na inserção das cidades nas redes mundiais (vide Sassen, 1991a): a procura do exotismo relacionada com os imigrantes proporciona um crescimento de dinâmicas de produção flexíveis, novas relações económicas, crescimento dos serviços num processo de reestruturação económica e diversificação dos gostos de consumidores. Os consumidores beneficiam com a presença desta comunidade em termos de maior oferta, preços mais baixos, acesso a novos produtos, novos costumes, gastronomia, etc.

As dinâmicas criadas pelos chineses resultam da conjugação de circunstâncias indissociáveis, que podem ser estruturadas em *"três dimensões fundamentais de suporte às estratégias empresariais (combinações*

comercial gigante, denominada "Parque Oriente", na Zona Industrial da Varziela. Os vereadores do PSD pretendiam que o espaço *"fosse recheado com objectos de mobiliário urbano de estética oriental"*. O cunho distintivo do espaço seriam os tradicionais "portões de entrada", denominados *paifangs*.

O Jornal de Notícias publicou uma notícia, em Maio de 2005, que relatava a primeira manifestação do Movimento Salvaguarda Industrial Têxtil Portuguesa (MSITP). 100 manifestantes reuniram-se junto à Zona Industrial da Varziela em defesa do sector têxtil português alertando para a "concorrência desleal" dos produtos chineses.

16. Os Têxteis e o Vestuário são actividades importantes em Portugal, existindo 7 Clusters já identificados (Monitor Company, 1994).

17. Segundo entrevistas exploratórias muitas empresas são aliciadas, por membros da comunidade, a deslocalizarem-se para a China.

de oportunidades e recursos) dos imigrantes: recursos pessoais, oportunidades étnicas e oportunidades estruturais “as estratégias empresariais são o resultado das interações (dinâmicas e criativas) entre recursos individuais, oportunidades étnicas e oportunidades estruturais, que constroem os imigrantes na sociedade de acolhimento.” (Oliveira, 2005: 42)

No caso da fixação dos empresários chineses na Zona Industrial da Varziela, um elemento muito importante, comum a outras comunidades de imigrantes mas que, no caso dos chineses, assume contornos mais complexos e intensos, diferenciando-os de outras comunidades é a inter-ajuda co-étnica que esta comunidade promove, nas mais variadas dimensões. Apesar do espírito empreendedor de cada um, o objetivo é a ascensão social de todos, o que ajuda a compreender a interdependência e favorece o acolhimento.

Vários autores¹⁸ são unânimes em reconhecer a importância estratégica das redes co-étnicas, onde a mobilização de recursos se faz com base no capital social. As vantagens variam desde o acesso a informação privilegiada dos mercados a explorar, ao apoio no capital necessários aos primeiros investimentos e mesmo ao acesso a fornecedores e a uma rede de funcionários co-étnicos.

Waldinger (1989; 1996) e Waldinger, Aldrich e Ward (1990) evidenciaram que, no sentido de se conhecer mais de perto uma determinada comunidade, mais do que perceber as características que lhes estão intrínsecas, importa conhecer de que forma as estruturas de oportunidade que elas tiram vantagem potenciam a sua inclusão. Acrescentam ainda que as estruturas de oportunidade incluem condições de mercado, muitas vezes impulsionadoras de negócios propícios à actividade étnica, ou mesmo para o mercado em geral, igualmente potenciadoras do acesso a negócios. Estas comunidades tiram partido de mercados afectados pela crise económico-financeira, encontrando aí uma oportunidade para a difusão do comércio étnico, cujos baixos preços praticados concorrem directamente com os produtos não étnicos, em condições favoráveis no momento mais difícil que é o da penetração num mercado novo.

18. Waldinger, Aldrich e Ward. (1990), Waldinger (1989, 1996), Granovetter (1985, 1995), Portes (1999, 2000), Pang (2000), Light, Bhachu e Karageorgis (1993).

Note-se ainda que a existência de infra-estruturas adequadas e em especial a possibilidade de acesso à propriedade é um factor preponderante para a fixação destas comunidades, tal como ocorreu na Varziela, onde os imigrantes chineses compraram ou alugaram armazéns abandonados, transformando-os em espaços comerciais onde trabalham quase só chineses e se tira partido dos contactos com a produção chinesa.

4. A Zona Industrial da Varziela

As entrevistas exploratórias a vários membros e representantes da comunidade chinesa no norte do país, permitiram identificar que os factores que estão na base da emergência da área comercial (com 197 estabelecimentos) da Zona Industrial da Varziela (construída pela Câmara Municipal de Vila do Conde em finais da década de 80) prendem-se com: os reduzidos preços de aluguer ou venda dos espaços comerciais, a facilidade de acesso ao porto de Leixões (local de recepção de mercadorias vindas de barco quer dos portos da China quer de portos marítimos de Espanha, Itália e França); a curta distância ao norte de Espanha (onde se encontram armazéns de revenda de origem chinesa), a proximidade à cidade do Porto e a Guimarães, Braga e Viana do Castelo (territórios de grande densidade populacional e elevado potencial de consumo e à presença de vias de comunicação rápida e fácil (EN13, IC1 e A28).

Além das entrevistas exploratórias e de outras realizadas mais tarde, procedeu-se a um levantamento de todos as lojas e armazéns, entre Dezembro de 2008 e Janeiro de 2009. Desta forma, foi possível obter um conjunto de informações que se julgam pertinentes para a compreensão da emergência e desenvolvimento deste espaço comercial.

Ainda antes da instalação de empresários chineses, sabe-se que os primeiros estabelecimentos, no que é hoje a Zona Industrial da Varziela, surgem em finais da década de 80¹⁹. Fixam-se nas imediações da Fábrica Têxtil de Mindelo e dedicam-se à indústria e à armazenagem. Em

19. Segundo dados da construtora Sociedade de Construção Maia & Maia, S. A. surgiram no 1986 ou 1987.

1996 a Siemens (actual Quimonda) veio a ocupar o lado poente da Estrada Nacional 13, o que promove a expansão de uma área industrial do outro lado da estrada, dotada de boas condições de acessibilidade à cidade do Porto, ao porto de Leixões, ao aeroporto de Sá Carneiro e ao Norte de Espanha (pelo IC1 e A28). Esta é actualmente a principal área industrial do Concelho de Vila do Conde, ocupando uma área de 75 ha, com cerca de 300 unidades industriais e de armazenagem, em que 197²⁰ foram compradas, alugadas ou sub-alugadas a indivíduos de etnia chinesa, das quais a primeira, segundo dirigentes da Sociedade de Construção Maia & Maia, S.A., teria sido transaccionada em 2001.

Assistiu-se depois a um processo de “sucessão ecológica comercial”²¹ com contornos semelhantes ao que foi estudado para o Centro Comercial Mouraria onde “(...) em 1993, quando surgiu a primeira loja de um imigrante chinês, (...) ele estaria a ocupar um espaço que já estava vazio desde a inauguração do centro comercial. Três anos depois, e uma vez tornado visível o sucesso deste co-étnico, este centro comercial estava já maioritariamente ocupado, através das redes sociais, por comerciantes chineses.” (Mapril 2001; 23)

Em 2001, a Zona Industrial da Varziela estava em dificuldades, tornando-se atractiva para dar lugar à concentração de actividades comerciais étnicas, a qual tem uma estrutura especialmente simples quando comparada à situações existentes noutros países, constituídas durante décadas, em contexto urbano, do tipo Chinatown, centro comercial²²,

20. Ainda que este número corresponda ao número total de armazéns ocupados e contabilizados na Varziela, temos a perfeita noção que tal valor não corresponde à realidade. Este número reflecte somente os armazéns que estão abertos ao público e onde neles se desenvolve prática comercial. Existem outros cuja única função é a de armazenamento, sem que nesse local se pratique qualquer acto comercial ou seja permitido qualquer tipo de acesso, por parte dos consumidores.

21. (Waldinger, McEvoy & Aldrich, 1990).

22. Segundo um estudo realizado em Toronto (Census Metropolitan Area), por Wang, existiam, nos inícios dos anos 80, três Chinatowns no centro de Toronto para mais tarde surgirem novas na periferia “(...) the Old Chinatown (around Dundas Street West between Bay Street and University Avenue), the Central Chinatown (centred on the intersection of Dundas Street West and Spadina Avenue), and the East Chinatown (around Gerrard Street East and Broadview Avenue). The first suburban concentration of Chinese commercial activity was developed in 1984 in the Agincourt area of Scarborough, known as Scarborough Chinatown (...). Since then, most new developments have occurred in the suburbs.”

bairro ou rua²³. Nestes casos, os efeitos na organização e estruturação do território levaram os agentes de planejamento a equacionar soluções territoriais, como é o caso de Toronto.

A literatura sobre “comércio étnico”²⁴ ou “empresas étnicas”²⁵ não apresenta uma definição consensual dada a abrangência e a diversidade dos contornos étnicos, ainda que seja de considerar que ele possa ser visto como o “*Commerce basé sur la vente de produits de consommation courante d’un groupe culturel dit «ethnique», au sens où les individus qui en font partie sont nés ou attachés culturellement à un pays (ou une region) autre que celui dans lequel ils sont établis.*” (Dictionnaire du commerce et de l’aménagement, 2008: 74). Para o caso em apreço, foi considerado comércio étnico qualquer comércio praticado num estabelecimento cujos produtos sejam de origem chinesa (acima de 80% do total), cuja gerência ou pelo menos um dos funcionários tenha ascendência chinesa, nacionalizados ou com estatuto de estrangeiro, independentemente de se encontrar legalizado ou numa situação administrativa irregular, qualquer que seja a clientela.

De uma forma geral, o comércio pode subdividir-se, segundo os circuitos de comercialização dos produtos, em comércio grossista e reta-

Quanto a shoppings “*By the end of 1996, 52 Chinese shopping centres of various sizes (ranging from 15 store units and 9 500 sq. ft. to 200 units and 285 000 sq. ft.) have been developed in the Toronto CMA, with a total of 2.9 million sq. ft. of retail space. These, representing about 4 percent of the floor areas of all shopping centres division percentage in the Toronto CMA*” (Simmons et al., 1996)

Existiam, em 1996, 2178 lojas e 52 centros comerciais.

23. Em Itália, Nápoles assistiu a esse fenómeno “*À San Giuseppe Vesuviano et au centre du vieux Naples, les Chinois ont ouvert de nouveaux magasins; ils ont repris les fonds de commerce de négociants autochtones partis à la retraite sans avoir un successeur ou bien de ceux qui n’ont pas su relever le défi de la mondialisation. En conséquence, aujourd’hui, ils dynamisent des quartiers délaissés, ils modifient le marché de l’immobilier commercial et ils opèrent une ‘revitalisation d’un capitalisme marchand’*” (Miranda, 2007: 169).

Em França destaca-se o XIII arrondissement onde “*Par sa densité et l’importance de ses services, le XIII est devenue naturellement le coeur de la communauté chinoise*” (Hassoun et al., 1986:34).

Assim como em Itália se destaca o quartiere Sarpi, entre outros exemplos.

24. Chan and Cheung (1985); James and Clark (1987); Waldinger (1989); Kwon (1990); Bates (1994); Barrett et al. (1996); Kaplan (1997); Buckley Iglesias, (1998); Carrasco Carpio (1999); Cebrian et al. (2002); Beltrán et al. (2003); Garcia Ballestos et al. (2004).

25. Light (1984); Li (1992); Marger and Hoffman (1992); Lee (1992, 1995).

lhista. O comércio grossista engloba os processos de compra, armazenagem e venda de avultadas quantidades de mercadorias a vendedores ou utilizadores profissionais (subdivisão 61 da Classificação das Actividades Económicas). Inclui, ainda, a actividade de revenda por grosso, a empresas de vária ordem, sem qualquer transformação, de bens novos ou usados. É, em suma, aquele que “...estabelece a ponte entre produtores e retalhistas, reunindo produções por vezes dispersas que distribui aos retalhistas, juntamente com a informação sobre novos produtos.” (Salgueiro, 1996: 1) O retalhista é aquele que se encarrega da compra de pequenas quantidades de mercadorias seguido de revenda a retalho quer de bens novos quer de bens usados (subdivisão 62 da Classificação das Actividades Económicas) cujo destino é o consumo por parte de empresas, instituições e pessoas. *O comércio retalhista oferece directamente aos consumidores os artigos de que eles necessitam, onde e quando necessitam.*” (Salgueiro, 1996: 1)

Segundo o tipo e forma que estes estabelecimentos assumem, é possível constatar que não existe uma uniformização, sendo que oscilam desde a venda ambulante, as pequenas lojas de bairro e armazéns de grande dimensão.

No caso da Zona industrial da Varziela e do comércio étnico chinês, dadas as suas particularidades, considera-se a sua subdivisão em lojas de revenda e armazéns de revenda. As lojas de revenda são estabelecimentos comerciais onde se vendem pequenas quantidades dos produtos expostos. Assemelham-se a uma loja de rua ou de shopping, em geral com uma preocupação estética que se relaciona com o tipo de produtos que comercializa (calçado, vestuário, marroquinaria); os armazéns de revenda, dispõem de características estéticas, estruturais e organizacionais orientados essencialmente para a rentabilização e optimização do espaço e não para a atracção do consumidor.



FIGURA 1 E 3: LOJAS DE REVENDA DE ACESSÓRIOS; FIGURA 3 E 4: ARMAZÉNS DE REVENDA

Em ambos os casos, nos 31 armazéns de revenda e nas 166 lojas de revenda, pratica-se a mesma função de revenda (comerciantes de etnia cigana, comerciantes do pequeno comércio independente, comerciantes de etnia indiana e consumidores finais²⁶).

A aglomeração da comunidade chinesa na Varziela obedece à lógica de um *cluster*²⁷, dada a concentração geográfica de companhias

26. Neste caso concreto, algumas lojas e armazéns recusam-se a vender directamente ao consumidor. Se o fizerem, aplicam um preço de venda aproximado ao do preço final fixado pelos revendedores nos seus locais de comércio.

27. Chow *et al.*, 1997, pp. 49-53.

interligadas, no caso fornecedores especializados, em áreas específicas que competem e cooperam entre si. Este tipo de aglomeração²⁸ "(...) favours spatial concentration for direct competition (...)" (Wang, 1999: 30)

A comunidade chinesa da Zona Industrial da Varziela notabiliza-se pela actividade comercial ligada à importação e exportação de têxteis, calçado e marroquinaria (quadro 3). Este facto é justificado *"due the more recent flows of immigrants (third wave), essentially stemming from Zhejiang province and associated with the proliferation of Chinese shops in various cities of the country that specialize in non-durable consumer goods at low prices. In this respect the strategy of those entrepreneurs was to make use of opportunities opened up by the economic cycle, to the extent that the recession and lower incomes raised the demand of goods with those characteristics"* (Bongardt et al.; 2007: pp. 22).

Artigo	N.º de Lojas
1. Vestuário	85
2. Têxteis	0
3. Calçado	19
4. Materiais de construção/Ferramentas/Bricolage/Jardim	0
5. Produtos Alimentares	1
6. Produtos de Beleza/Cosmética	0
7. Artigos de Decoração	2
8. Mobiliário	0
9. Higiene e Perfumaria	0
10. Acessórios/Marroquinaria/ Bijuteria	26
11. Brinquedos	1
12. Electrónica	0
13. Papelaria	0
14. Electrodomésticos/Utensílios de Cozinha	0
15. Acessórios para Automóveis	0
16. Produtos para lojas com exposição de roupa	1

QUADRO 3: NÚMERO DE LOJAS QUE COMERCIALIZAM UM SÓ TIPO DE ARTIGOS

Segundo as entrevistas que foram realizadas na área, os produtos existentes na Varziela provirão das indústrias de propriedade chinesa

28. Bongardt et al., 2007: pp.6-7.

instaladas em Prato (junto a Florença) ou outros aglomerados industriais em Itália, China e de entrepostos grossistas em Espanha²⁹.

Espacialmente, aferiu-se que a Rua 10 é a que tem maior densidade comercial, o que pode associar-se à maior visibilidade e ao acesso fácil desde a Avenida 1º de Maio, donde a instalação de 66 lojas de revenda (40% do total de lojas de revenda da Varziela). Uma outra rua igualmente densa é a Rua 7, cujas 57 lojas de revenda (34% do total das lojas) e 2 armazéns de revenda (6% do total de armazéns na Varziela).

Dada a procura, o valor comercial da Rua 10 é o mais elevado da zona industrial (agora área comercial), atingindo os valores de arrendamento os 3000 a 4000 euros por espaços de 300m² e os preços de compra os 600 mil euros. Para comparação, verifica-se que noutras ruas, mais afastadas da Avenida 1º de Maio (EN 103), os valores baixam para os 2000 a 2500 euros e 500 mil euros, respectivamente.

Nas duas ruas juntas encontram-se concentrados 74% do total de lojas de revenda e apenas 6% do total armazéns de revenda, já que estes se localizam sobretudo em ruas periféricas, pois requerem uma área maior: as lojas de revenda têm aproximadamente 300 m², como resultado da divisão em três partes de um armazém com 1000 m².

Entre estas, a Rua 10 destaca-se pela predominância do comércio de vestuário (Anexo – Mapa 1: Comércio de vestuário na Zona Industrial da Varziela, segundo o tipo de estabelecimento, 2008): exceptuando-se 5 lojas de revenda (9% do total de lojas fixadas na rua 10) de um total de 55, todas as outras 50 (91%) comercializam este grupo de produtos. Na Rua 7, das 57 lojas de revenda, 30 comercializam comércio de acessórios, marroquinaria e bijuteria (Anexo – Mapa 2: Comércio de acessórios, marroquinaria e bijuteria, na Zona Industrial da Varziela, segundo o tipo de estabelecimento, 2008).

Existem fortes relações com a província de Zhejiang, mais especificamente com a cidade de Wenzhou³⁰ (ligada à diáspora chinesa de outros países da Europa e Estados Unidos da América), o que ajudará a explicar que o tipo de mercadoria comercializada pelos chineses na Var-

29. Estes dados serão aprofundados em futuras investigações.

30. Segundo entrevistas exploratórias, de acordo com os resultados dos inquéritos de Rocha-Trindade *et al.*, (2005), Os chineses da Varziela, provêm da província de Zhejiang mais especificamente das cidades de Wenzhou e Qingtian.

ziela se assemelhe à que é comercializada por chineses noutros países. Na Hungria, por exemplo, os produtos, comercializados são, “(...) *l’habillement bon marche (T-shirts, caleçons, chaussettes, chemises en coton et synthétique, robes d’été, vestes de jogging, chemisiers, manteaux, tricots, combinaisons de ski, pyjamas, chemises en soie, baskets, sandales, pantouffles...)*. *Plus tard s’y ajoutèrent du petit équipement (des serrures par exemple), de l’électroménager et des tissus (draps de lit et serviettes)*. ” (Nyíri, 2007: 97).

No entanto, de uma forma geral, no norte do país, a actividade comercial carece de uma maior diversificação do retalho que já se verificam noutros países, como em Toronto (Canadá) onde se verificou uma diversificação da oferta de produtos e uma especialização “(...) *the the category of ‘Other retailing’ is very different from 15 years ago; it now includes a variety of retail activities that did not exist before, such as art galleries, pet stores, and stores specializing in books, records, tapes, sporting goods, camping equipment, and musical instruments.*” (Wang, 1999: 24)

Conclusão

A entrada da China na OMC permitiu a sua integração nos mercados económicos da “aldeia global”.

Apesar do bom relacionamento resultante da transição de Macau e de os dados estatísticos evidenciarem uma evolução nos últimos anos das exportações de Portugal para a China, esta ocupa ainda um lugar pouco importante como cliente.

As importações de proveniência chinesa, no conjunto total dos produtos importados em Portugal, de vestuário, calçado e bijutaria, marroquinaria e acessórios tiveram um impacto negativo junto dos empresários/comerciantes portugueses que se manifestaram contra a entrada destes produtos de baixos preços.

No Norte de Portugal, existe uma zona industrial (Varziela, em Vila do Conde) que, nos inícios dos anos 90 foi sendo ocupada sucessivamente por indivíduos de etnia chinesa, face *i)* ao abandono da actividade empresarial de portugueses, *ii)* aos preços de rendas de aluguer e

compra baixos, *iii*) à proximidade ao porto de Leixões, à cidade do Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo e Espanha e aeroporto Sá Carneiro.

Apesar da sua dimensão, a concentração da actividade comercial étnica chinesa na Zona Industrial da Varziela quando comparada com as existentes em países europeus como França, Grã-Bretanha, Países Baixos e Alemanha, onde a diáspora chinesa é mais antiga, revela contornos de uma concentração étnica em fase de desenvolvimento. Note-se que nalguns países, como Canadá (Toronto) ou França (Paris), têm na cidade várias Chinatowns, quarteirões ou centros comerciais onde se pratica exclusivamente comércio étnico chinês, enquanto na Itália (em Nápoles e Prato por exemplo), as concentrações étnicas não se resumem ao comércio grossista ou retalhista, já que os empresários com origem na China criaram indústrias de produtos étnicos que têm como destino o mercado interno e externo.

Na Zona Industrial da Varziela localizam-se 197 estruturas comerciais, numa aglomeração constituída por 33 armazéns de revenda e 167 lojas de revenda. As duas artérias de maior centralidade e densidade comercial são a Rua 10, especializada em lojas de revenda de vestuário e a Rua 7 mais voltada para o comércio de bijuteria, marroquinaria e acessórios.

Os chineses da Varziela, provêm da província de Zhejiang, com a qual mantêm relações, especialmente com as cidades de Wenzhou e Qingtian, quer para o abastecimento de produtos quer para o recrutamento de mão-de-obra. De resto, a sobrevivência do comércio dependerá da frequência dos contactos com as localidades de partida e com outros imigrantes, sobretudo fixados na Europa e importantes para o abastecimento de produtos, comércio e acesso a postos de trabalho (Oliveira, 2000).

Bibliografia

- AMARO, A. M. (1998), *O Mundo Chinês. Um longo diálogo entre culturas*, vol. I and II, ISCS-UTL.
- ARNAUD, L. and PINSON, G. (2002), Shaping the identity and mobilizing the "ethnic capital" in three European cities, paper presented in the workshop on "The Unknown City: The Global Migration in the Urban Context, Urbanism and Globalization, Second EuroConference "The European City in Transition", Bauhaus – University, Weimar, November 8 and 9.

- AUGUIN, E., (2004), «Le nouvel an chinois à Paris: théâtre d'économies ethniques», Revue européenne des migrations internationales, vol. 20, n° 3
- BERGER, L. (2007), Nouvelles migrations chinoises et marchés du travail européens, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 9-17.
- BONGARDT *et al.* (2007), The role of Overseas Chinese in Europe in making China global: The case of Portugal, Universidade oderna and IEEI, Lisbon.
- COSTA, F. (2001), O contributo das Associações para migração: O caso da comunidade chinesa em Portugal; Working Paper do Socinova.
- DIATLOV, I. (1999a), *Novaia kitaiskaia diaspora v Sibiri kak vyzov natsional'noi bezopasnosti Rossii* [Une nouvelle diaspora en Russie, un challenge à la sécurité nationale russe], Vostok [The Orient], no.1, pp. 118-129.
- GÓIS *et al.* (2007), Liens transnationaux des migrants chinois et économie ethnique au Portugal, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp.121-140.
- GRANOVETTER, M. (1985), Economic action and social structure, the problem of embeddedness in American Journal of Sociology, University of Chicago Press, Chicago, pp. 483-505.
- HASSOUN, J. P., TAN, Y. P. (1986), «Les chinois de Paris: minorité culturelle ou constellation ethnique ?», Terrain n° 7, pp. 34-44.
- KRASTEVA, A. (2007), L'immigré chinois en Bulgarie. Le protestan de l'économie post-communiste, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 71-88.
- LARIN, A. G. (1998), «Chinese in Russia: An Historical Perspective». In Gregor Benton and Frank N. Pieke (eds), *The Chinese in Europe*: Macmillan, Basingstoke: 281-300.
- LIGHT, Ivan, *et al.* (1993), Migration networks and immigrant entrepreneurship, in Light, Ivan e Bhachu, Parminder (eds.) Immigration and entrepreneurship transaction publishers, New Brunswick and London.
- MAPRIL, J. "Os chineses no Martiniz Moniz: oportunidades e redes sociais", Socinova Working Papers, 19.
- MIRANDA, A. (2007), Le commerce chinois: conflits et adaptations au sein de la structure socio-économique napolitaine, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 161-178.
- NYÍRI, P. (2007), Transnationalisme et «minorité intermédiaire»: Les entrepreneurs chinois en Hongrie, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 91-120.
- OLIVEIRA, C. (2000), "Chineses em Portugal: comunidade ou comunidades?", Socinova, Working Papers, 18.
- OLIVEIRA, C. (2005), Empresários de Origem Imigrantes: estratégias de inserção económica em Portugal, Lisboa, ACIME.
- PANG, Ching Lin (2000), Why the chinese "invisible" and/or «unproblematic» in Belgium? Exploring some viable explanations in Bastos, Susana Trovão Pereira (eds.). *Etnologia*, Edições Cosmos, N° 9-11, Lisboa, pp. 105-120.
- PIEKE, F. (2007), Les migratios chinoises contemporaines: nouveaux réimes et nouvelles activités en Europe, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 19-43.
- PORTES, A. (1999), *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação*; Oeiras: Celta Editora.
- PORTES, A., MANNING, R. (1986), "The Immigrant Enclave: Theory and Empirical examples", in S. Olzak e J. Nagel (eds.), *Competitive Ethnic relations*, Orleo e Londres: Academic Press Inc., pp. 47-68.
- PORTES, A., ZHOU, M. (1999), "Entrepreneurship and Economic Progress in the 1990s: A comparative analysis of Immigrants e African Americans", in F. Bean e S. Bell-Rose (eds.), *Immigration and opportunity. Race, Ethnicity, and Employment in the United States*, New York: Russell Sage Foundation, pp. 143-171.
- POSTON e YU (1990), The distribution of the Overseas Chinese in the Contemporary World, Vol. XXIV, n° 3, IMR.

- RAULIN, Anne (1998), "Espaces marchandes et concentrations urbaines minoritaires, Cahiers Internationaux de Sociologie, Vol. LXXXV.
- ROCHA-TRINDADE, Maria *et al.* (2006), *The Chinese Business Communities in Portugal*, Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, Universidade Aberta.
- ROTTENBERGER-KOW, K. (2007), *L'économie transnationale des migrants chinois en Autriche*, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 141-159.
- SALGUEIRO, Teresa Barata (1996), *Do comércio à distribuição, Roteiro de uma mudança*. Celta Editora.
- ROCHA, E., SOUSA, M., FERREIRA, M. (2006), *Como evoluíram os clusters do Têxtil e Vestuário em Portugal durante o período de desmantelamento do Acordo Multi-Fibras (1995-2005)*, UCP.
- SAVELIEV, I.(2007), *Les nouveaux immigrants chinois sur le marché du travail russe: menace ou pari sur l'avenir ?*, Presses Universitaires du Miral, Sociolog, Vol.2, pp. 45-69.
- SANTOKHI, S. (2002), *Neighbourhood Transformation e Economic Activities. Aspects of urban economic activities in segregated areas in The Hague*; paper presented in the Workshop "Communication Across Cultures in Multicultural Cities", that took place in Institute of Higher European Studies, The Hague, The Netherlands, between 7-8 November.
- SASSEN, Saskia (1997), *Ethnicity In The Global City: a New Frontier*", en DELGADO, M., coordinador. *Ciutat i immigració*. Barcelona. Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1997.
- SASSEN, S. (1991a), *The global city*. New York, London, Tokyo, Princeton: Princeton University Press.
- SIMMONS *et al.* (1996), *Commercial Structure of the Greater Toronto Area 1996* (Toronto: Centre for the Study of Commercial Activity, Ryerson Polytechnic University) THOMAS, R.H. 1 989 Toronto's.
- SCHMOLL, C. (2000), "Entrepreneurs chinois en Provence de Naples", *Migrinter*, Université de Poitiers, document non publié.
- SERRA DEL POZO, Pau (2006), *El comércio étnico en el Distrito de Ciutat Vella de Barcelona*, Fundación "la Caixa".
- TEIXEIRA, Ana (1998), "Entrepreneurs of the chinese Community in Portugal"; em Benton, Gregor e Pieke, Frank (coord); *The chinese in Europe*, Macmillan Press LTD, London, pp. 238-260.
- TOMÉ, E. (1994), *Odisseia dos chineses em Portugal*, Macau, II Série nº 21, Janeiro de 1994.
- WALDINGUER, R. (1996), *Still the promised city? African-Americans and new immigrants in postindustrial New York*, London: Harvard University Press.
- WALDINGER, R., ALDRICH, H. e WARD, R. (1990), *Ethnic entrepreneurs. Immigrant business in industrial societies*, Sage Publications.
- WANG, S. (1999), *Chinese commercial activity in the Toronto: new development patterns and impacts*, *The Canadian Geographer* 43, nº 1, pp. 19-35.



MAPA 1: COMÉRCIO DE VESTUÁRIO NA ZONA INDUSTRIAL DA VARZIELA, 2008



TIPO DE ESTABELECIMENTO
 LOJA DE REVENDA
 ARMAZÉM DE REVENDA

MAPA 2: COMÉRCIO DE ACESSÓRIOS / MARROQUINARIA / BIJUTERIA, 2008